

O último talho do artesão (Considerações Finais):

Esta dissertação pautou-se, ao longo de todo o seu percurso, pelo diálogo entre construções teóricas acabadas e o lugar do autor, visando, sempre, constituir um argumento particular. Longe de compreender o autor como unidade de sentido da escrita para diferenciados textos, a delimitação em um período de seu trajeto de vida, que não foi seguido de maneira restrita, visou, apenas, delimitar melhor o objeto a ser enfrentado, possibilitando uma análise mais detida em determinados pontos e aguçar outros possíveis caminhos de leitura. Ao lidar, neste momento do texto, com uma conclusão, ao invés de retomar de maneira minuciosa e sintética os argumentos apresentados, optamos por um detalhamento.

Capistrano de Abreu muitas vezes foi tomado como “depressivo” e isolado, aquele que devido ao conjunto de perdas, tivesse desistido de questionar e problematizar o cotidiano político do início do século; e, ao mesmo tempo, suas missivas enquanto uma resposta privada, unicamente, para um espaço público onde não era possível que seus tratados recebessem circulação e conseguissem a venda esperada. Assim, imerso em uma ordem política disruptiva, e em um sistema intelectual que lhe impossibilitava de expandir suas considerações, Capistrano seria, exclusivamente, o “prisioneiro de uma vida infeliz” e que padecia de uma “doença” que o “atormentou”, assim como a outros intelectuais: “o gigantismo epistolar”. Neste sentido, Abreu passa a ser recuperado a partir da imagem do “atrabiliário” com uma resposta pessimista ao clima de sociabilidade e vida literária no Rio de Janeiro do início do século XX¹.

A proposição desta dissertação, enquanto leitura monográfica, tentou, pelo menos, relativizar esta gama de apontamentos. Ao se tomar como “João Ninguém” e escrever do “Tugúrio”, Abreu pareceu querer aglutinar, neste fechamento, presente a partir de 1925 em suas cartas, a conjunção entre projetos pessoais e textos teóricos. Ao diferenciar-se das pompas das instituições oficiais da época, Capistrano possuía uma intencionalidade transcrita no trânsito de suas missivas: constituir uma rede de pesquisas própria. E esse movimento – arquitetado de maneira lúcida - não era, simplesmente, uma resposta desgostosa ou derrotista, mas se baseava nas suas imagens acerca do presente - a assincronia entre Estado e

¹ Sobre esta interpretação, ver AMED, Fernando *As cartas de Capistrano de Abreu. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca* São Paulo: Ed. Alameda, 2006.

Nação - e na percepção da fragilidade da experiência coletiva que se constituiu nos trópicos. Uma crítica fina, construída através de uma elaboração do passado, presente em seus *Capítulos de História Colonial*, de suas afirmações acerca do presente e de sua própria “automodelagem”. Compreendê-lo como um isolado ou ascético parece ser, justamente, cair na própria armadilha que construiu para aqueles com os quais dialogava; antes disso, este aguçar de sua individualidade se instaura na possibilidade de amplificar suas observações acerca do cotidiano e de seus projetos pessoais. Assim, conforme o conjunto de colocações que se apresentou aqui acerca da Bildung, seu alto volume de missivas não era um impedimento para o trabalho teórico, mas a expansão, por um meio que caracterizava como o mais adequado, de sua individualidade, da “individualidade plural”, conforme o personagem Wilhelm Meister, tão apreciado pelo autor.

Permanecendo lidando com esta apreciação, o entrelaçamento entre vida e obra de Capistrano com sua leitura de Goethe foi tão forte, que cabe uma última consideração. Depois de lidar com o árduo processo de escrita de um livro por encomenda, Capistrano, em carta datada de janeiro de 1907, após ter colocado o ponto final em seus *Capítulos de História Colonial*, assim irá se referir a Guilherme Studart sobre a sensação do término da escrita:

Se me perguntares se estou satisfeito com o que fiz, dir-te-ei francamente: não. Imaginava outra coisa e não pude realizá-la, parte por culpa minha, parte por culpa das circunstâncias. *Acreditei muito na extensão da vida e na brevidade da arte e fui punido.*²

“Extensão da vida e brevidade da arte”. Entremeando vida e obra, Abreu compõe uma frase que é, exatamente, o inverso de uma fundamental consideração de Goethe em seu *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*. Nos últimos capítulos do romance, o autor alemão compõe uma cena que se torna o deságua de todo o livro, o momento de culminância em que o personagem principal está “a salvo e a caminho de sua meta” atingindo o seu “destino venturoso”. Após ter sofrido todo o processo de formação, Wilhelm, profundamente impressionado – chegando até mesmo a ouvir a voz de seu pai – recebe uma *carta de aprendizado*, delimitando o fim, enfim, de seu longo processo:

² Carta de Capistrano para Guilherme Studart 07/01/1907 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. pp. 131.

Longa é a arte, breve é a vida, difícil o juízo, fugaz a ocasião. Agir é fácil, difícil é pensar; incômodo é agir de acordo com o pensamento. Todo começo é claro, os umbrais são o lugar da esperança... O espírito pelo qual agimos é o que há de mais elevado. Só o espírito compreende e representa a ação.³

“Longa é a arte, breve a vida”. As duas passagens, a da carta de Capistrano e a da carta no romance de Goethe, contrastam em grau de ênfase. Como se o seu intento não tivesse chegado ao fim, Capistrano encena um fechamento que não o leva à conclusão. Se o personagem Wilhelm chega ao fim de seu processo, Abreu justamente escreve aguçando o caráter inconcluso de seu empreendimento, como se o seu projeto, justamente por que inconcluso, fosse o alimento de sua ação. Um projeto inacabado, que tinha na incerteza e na dúvida não aquilo que lhe imobilizava, mas – através da insatisfação – a maneira de superar o hiato entre o pensar e o agir, convergindo sua ação e o seu projeto. Desse modo, constrói uma pergunta que o amplifica, unindo presente e passado em uma só questão: “O Brasil está em formação ou em dissolução?”

³ GOETHE, Joham Wolfgham Von. *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Ensaio, 2^o ed., 1994. p. 492.